

A Donzela sem mãos

Era uma vez, há alguns anos, um homem que ficava na estrada e que possuía uma pedra enorme de fazer farinha, com a qual moía o cereal da aldeia. Esse moleiro passava por dificuldades e não restava nada além da enorme pedra de moinho e da grande macieira florida atrás da construção.

Um dia, quando ele entrava na floresta com seu machado de gume de prata para cortar lenha, um velho estranho surgiu atrás de uma árvore.

- Não há necessidade de se torturar cortando lenha – disse o velho – posso adorná-lo de riquezas se você me der o que esta atrás de seu moinho.

- O que esta atrás do meu moinho a não ser a macieira florida? – perguntou-se o moleiro, concordando com a proposta do velho.

- Dentro de três anos virei buscar o que é meu – disse o estranho rindo a socapa, e foi embora a mancar, desaparecendo entre os troncos das árvores.

O moleiro encontrou a sua mulher no caminho. Ela havia saído de dentro de casa, com o avental voando e o cabelo desgrenhado.

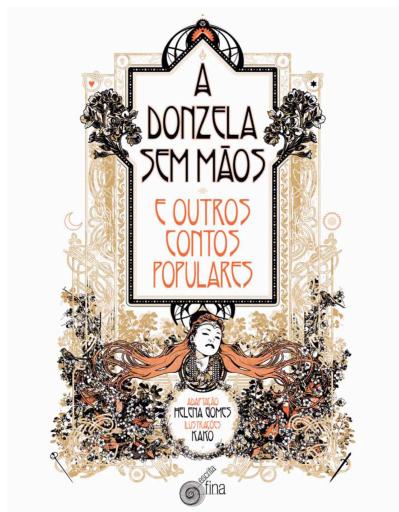
- Marido, marido meu, quando deu a hora, surgiu na nossa casa um relógio mais bonito, as nossas cadeiras rústicas foram trocadas por cadeiras de veludo, a nossa pobre despensa está repleta de carne de caça, as nossas arcas e baús transbordam de tão cheios. Diga-me, por favor, como isso aconteceu. – e nesse exato momento, anéis de ouro apareceram nos seus dedos e seu cabelo foi puxado e preso num arco dourado.

- Ah! - disse o moleiro, assombrado enquanto o seu próprio gibão passava a ser de cetim. Diante dos seus olhos, os seus sapatos de madeira com salto tão gastos que ele caminhava inclinado para trás também se transformaram em finos sapatos. – Bem, isso foi um desconhecido – disse ele, ofegante.

- Deparei-me com um homem estranho, com uma sobrecasaca escura. E ele prometeu-me enorme fortuna se eu lhe desse o que está atrás de nosso moinho. Ora mulher, claro que podemos plantar outra macieira.

- Ai, meu marido! – lamentou-se a mulher dando a impressão de ter levado um golpe mortal. – O homem de casaco escuro era o diabo e o que está atrás do moinho é a árvore sim, mas a nossa filha está lá varrendo o quintal com uma vassoura de salgueiro.

E assim os pais foram cambaleando para casa, derramando lágrimas sobre seus trajes. A filha permaneceu sem se casar durante três anos, e tinha o temperamento como uma das primeiras maçãs doces da primavera. No dia que o diabo veio apanhá-la, ela tomou banho, pôs um vestido branco e ficou parada num círculo de giz que ela mesma traçara à sua volta. Quando o diabo estendeu a mão para agarrá-la, uma força invisível o lançou para o outro lado do quintal.



- Ela não pode mais tomar banho – berrou ele. – Ou não vou conseguir aproximar-me dela.

Os pais ficaram apavorados e algumas semanas se passaram em que ela ficou sem tomar banho, até que o seu cabelo ficou emaranhado; as suas unhas negras; as suas roupas encardidas e duras de sujidade.

Então; como a donzela parecia cada vez mais com um animal, surgiu mais uma vez o diabo. No entanto; a menina chorou e suas lágrimas escorreram pelas mãos e pelos braços. Agora as suas mãos e os seus braços estavam alvíssimos e limpos. O diabo ficou furioso.

- Cortem-lhe fora as mãos, do contrário não vou poder me aproximar dela.

- Quer que eu corte as mãos da minha própria filha? – perguntou o pai horrorizado.

- Tudo aqui irá morrer, berrou o diabo. – Você, a sua mulher e todos os campos até onde sua vista alcance.

O pai ficou tão apavorado, que pedindo perdão a sua filha começou a afiar o machado. A filha conformou-se.

- Sou sua filha, faça o que deve fazer.

E foi o que ele fez; no final ninguém podia dizer quem gritou mais alto, se foi o pai ou a filha. Terminou assim a vida da menina da forma que ela conhecia.

Quando o diabo voltou, a menina havia chorado tanto, que os troncos que lhe restavam estavam novamente limpos, e o diabo foi mais uma vez atirado para o outro lado do quintal quando tentou agarrá-la. Lançando maldições que provocavam pequenos incêndios na floresta, ele desapareceu para sempre, pois havia perdido todo o direito sobre ela.

O pai havia envelhecido cem anos, e a sua esposa também. Como autênticos habitantes da floresta, eles continuaram como podiam. O velho pai fez a oferta de manter a filha num imenso castelo de beleza e riqueza pelo resto da vida, mas a filha disse achar mais adequado que se tornasse mendiga e dependesse da bondade dos outros para seu sustento. E assim ela fez com que atassem os seus braços com gaze limpa e ao raiar do dia ela se afastou da sua vida como havia sido até então.

Ela caminhou muito. O sol do meio dia fez com que o suor escorresse riscando a sujidade do seu rosto. O vento desgrenhou tanto o seu cabelo que até parecia um ninho de cegonha com raminhos enfiados de qualquer maneira. No meio da noite, ela chegou a um pomar real onde a lua fazia reluzir os frutos das árvores.

Ela não podia entrar já que o pomar era cercado por um fosso. Caiu, então de joelhos, pois estava faminta. Um espírito etéreo vestido de branco surgiu e fechou a compota para esvaziar o fosso.

A donzela caminhou por entre as pereiras sabendo de algum modo que cada fruto perfeito havia sido contado e anotado, e que eles eram também vigiados. Mesmo assim, um ramo curvou-se abaixo para que ela o alçasse, fazendo o galho estalar. Ela tocou a pele dourada da pêra com os lábios e comeu ali em pé ao luar, com os braços atados em gaze, os cabelos desgrenhados, parecendo uma mulher de lama, a donzela sem mãos.

O jardineiro viu tudo, mas reconheceu a magia do espírito que a protegia e não se intrometeu. Quando ela acabou de comer aquela única pêra, ela retirou-se atravessando o fosso e foi dormir no abrigo do bosque.

No dia seguinte o rei veio contar as suas pêras, e descobriu que faltava uma, mas, olhando por toda a parte, não conseguiu encontrar o fruto desaparecido. Quando lhe perguntaram o jardineiro tinha a explicação.

- Ontem a noite dois espíritos esgotaram o fosso, entraram no jardim sob a luz do luar e um deles, que era mulher e não tinha mãos, comeu a pêra que se oferecia a ela.

O rei disse que iria montar a guarda naquela noite. Quando escureceu ele veio com o jardineiro e o mago que sabia conversar com espíritos. Os três sentaram-se debaixo de uma árvore e ficaram vigiando. À meia noite, a donzela veio flutuando pela floresta, com roupas em farrapos, o cabelo desfeito, o rosto sujo, os braços sem mãos e o espírito de branco ao seu lado.

Entraram no pomar da mesma forma que antes. Mais uma vez a árvore curvou-se graciosamente para chegar ao seu alcance, e a donzela sorveu a pêra que estava na ponta do ramo. O mago aproximou-se deles, mas não muito.

- Vocês são deste mundo ou não são? - perguntou ele.

- Eu fui outrora do outro mundo – respondeu a donzela. – no entanto não sou deste mundo.

- Ela é humana ou é um espírito? – perguntou o rei ao mago, e ele respondeu que era as duas coisas. O coração do rei deu um salto, e ele se apressou a chegar a ela.

- Não renunciarei a você – exclamou o rei - neste dia em diante, eu cuidarei de você.

No castelo ele mandou fazer para ela um par de mãos de prata, que foram amarradas aos seus braços. E foi assim que o rei se casou com a donzela sem mãos.

Passado algum tempo o rei teve que ir combater num reino distante e pediu à mãe que cuidasse da jovem rainha, pois ele a amava de todo coração.

- Se ela der à luz a um filho mande me avisar imediatamente.

A jovem rainha deu a luz a um belo bebé, e a mãe do rei mandou um mensageiro até ele para lhe dar as boas novas. No entanto, no meio do caminho, o mensageiro cansou-se e, chegando a um rio, ficou cada vez com mais sono e adormeceu profundamente nas margens do rio. O diabo saiu de trás de uma árvore e trocou a mensagem por uma que a rainha havia dado à luz a uma criança, que era metade humana, metade cachorro.

O rei ficou horrorizado com a notícia, mas mesmo assim mandou de volta uma carta recomendando que amassem a rainha e que cuidassem dela nesse terrível fase. O rapaz que trazia a mensagem, mais uma vez chegou ao rio e, sentindo a cabeça pesada como se tivesse comido todo um banquete, logo adormeceu junto à água. Foi quando o diabo mais uma vez apareceu e trocou a mensagem para:

- Matem a rainha e a criança.

A velha mãe ficou abalada com essa ordem e mandou um mensageiro pedindo confirmação. Corriam os mensageiros de um lado para outro, cada um adormecendo junto ao rio enquanto o diabo trocava as mensagens por outras que ficavam cada vez mais apavorantes, sendo que a ultima que dizia:

- Guardem a língua e os olhos da rainha como prova de que ela está morta.

A velha mãe não pode suportar a ideia de matar a doce jovem. Em vez disso, ela sacrificou uma corça, arrancou sua língua e seus olhos e os escondeu. Em seguida, ela ajudou a jovem rainha a atar o bebê junto ao peito e, cobrindo-a com um véu, disse que ela precisava fugir para salvar a vida. As mulheres choraram e se beijaram na despedida.

A jovem rainha vagueou até chegar à floresta maior e mais selvagem que jamais vira. Na tentativa de procurar um caminho, ela tentava passar por cima, pelo meio e à volta do mato. Quase ao escurecer, o mesmo espírito de branco apareceu conduzindo a jovem a uma estalagem pobre de gente simpática da floresta. Uma donzela vestida de branco levou a rainha para dentro e demonstrou saber o seu nome. A criança foi posta no berço.

- Como sabe que eu sou rainha? – perguntou a donzela.

- Nós os da floresta acompanhamos esses casos, minha rainha. Agora descanse.

E assim a rainha ficou sete anos e sentia-se feliz com a sua criança e com sua vida. Aos poucos, as suas mãos voltaram; primeiro como pequeninas mãozinhas de bebês, rosadas como pérolas, depois como mãozinhas de menina e afinal como mãos de mulher.

Enquanto isso, o rei voltou da guerra, e a sua mãe lamentou-se com ele.

- Por que quis que eu matasse dois inocentes? – perguntou ela mostrando-lhe os olhos e a língua da corça.

Ao ouvir a terrível história, o rei cambaleou e caiu a chorar inconsolável. A mãe viu a dor e contou que os olhos e a língua eram de uma corça e que ela havia mandado a rainha e o filho fugir pela floresta adentro.

O rei jurou não mais comer, nem beber, e viajar até onde o céu continuasse azul para encontrar os dois. Ele procurou por sete anos a fio. As suas mãos ficaram negras, a sua barba de um castanho semelhante ao musgo, os seus olhos avermelhados e ressequidos. Todo esse tempo, ele não comeu nem bebeu nada, mas uma força maior do que ele o ajudou a manter-se vivo.

Quando chegou à estalagem mantida pelo povo da floresta, a mulher de branco convidou-o a entrar, e ele deitou-se de tão cansado. A mulher colocou um véu sobre o rosto dele, e ele adormeceu. Quando ele chegou à respiração do sono mais profundo, o véu escorregou aos poucos do seu rosto. Ao despertar, ele encontrou uma linda mulher e uma bela criança que o contemplava.

- Sou sua esposa e este é o seu filho. – O rei queria acreditar, mas a donzela tinha mãos.

– Com todas as minhas afeições e com meus bons cuidados, minhas mãos voltaram a crescer – disse a donzela. E a mulher de branco trouxe as mãos de prata que estavam guardadas como um tesouro numa arca. O rei ergueu-se e abraçou a mulher e o filho, e naquele dia houve uma alegria imensa na floresta.

Todos os espíritos e os ocupantes da estalagem fizeram um banquete. Depois, o rei, e a rainha e o filho voltaram para a velha mãe, realizaram um segundo casamento e tiveram muitos outros filhos, todos os quais contaram essa história para outros cem, que contaram para outros cem, exatamente como vocês fazem parte dos outros cem a quem eu estou a contar.